

A LINGUAGEM EM ‘THE CATCHER IN THE RYE’: UM ESTUDO COMPARATIVO DE SUAS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS

Bárbara Andrade de Sousa (UFJF)
barbaraandrade.lettras@gmail.com

1. Introdução

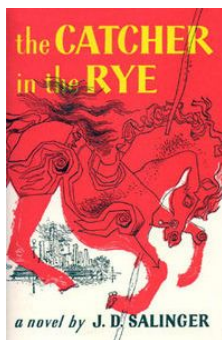
Originalmente publicado nos Estados Unidos, sendo um romance de formação entre os mais lidos neste país, a obra “The Catcher in the Rye” se tornou popular por lidar com temas tipicamente adolescentes como confusão, angústia, linguagem e rebeldia. Uma das principais características que marcam a identidade da mesma é o uso de linguagem coloquial, palavras de baixo calão e o uso de certas palavras e expressões próprias do vocabulário juvenil. Tal uso da linguagem não poderia ser ignorado no momento da tradução, visto que é este que marca a identidade da obra.

O objetivo deste trabalho é verificar como estas escolhas lingüísticas foram passadas para o português, e, para tanto, analisar um número de ocorrências selecionadas de duas diferentes traduções, contrastando-as.

Na língua portuguesa, foram publicadas três diferentes traduções: uma no Brasil, com o título de “O apanhador no campo de centeio”, pelo trio de diplomatas brasileiros Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster, Editora do Autor e duas em Portugal: “Agulha no palheiro”, pela editora Livros do Brasil, realizada por João Palma Ferreira e “À espera no centeio”, publicado pela Editora Difel, 2005 e traduzido por José Lima, sendo tratadas neste trabalho as duas primeiras.

A análise se dará à partir das ocorrências selecionadas de ambas as traduções para este trabalho, à luz da discussão do conceito teórico de “equivalência” por Rodrigues (2000), sempre tão presente ao longo do tempo na área da tradução, e do conceito teórico de “correspondência” proposto por Sobral (2008). Ainda é possível estabelecer uma relação entre as edições aqui tratadas e os conceitos de “estrangeirização” e “domesticação” propostos por Venuti (2008).

2. A obra



(Capa da edição mais recente da obra em língua original)

The Catcher in the Rye é um romance do escritor americano J. D. Salinger, publicado inicialmente em formato de revista, entre 1945-1946, nos Estados Unidos e posteriormente editado no formato de livro em 1951, tornando-se um dos romances mais lidos no país. Tornou popular entre jovens leitores por lidar com temas tipicamente adolescentes como confusão, angústia, alienação, linguagem e rebeldia. Foi bastante censurado nos Estados Unidos e em outros países pelo uso liberal de palavras de baixo calão e retrato de sexualidade e dilemas adolescentes. Também lida com questões complexas de identidade, pertencimento, conexão e alienação.

As seguintes informações podem ser encontradas da edição brasileira da obra *O Apanhador no Campo de Centeio*:

Primeira edição publicada em 16 de julho de 1951, pela editora norte-americana Little, Brown & Company.

Ele foi traduzido em quase todos os principais idiomas do mundo.

Publicado originalmente para adultos, desde então se tornou popular entre os leitores adolescentes por tratar de temas de confusão na adolescência, da angústia, da sexualidade, da alienação, da linguagem, e da rebeldia. O protagonista do romance e anti-herói, Holden Caulfield, se tornou um ícone de rebeldia adolescente. Mais de 250 mil exemplares são vendidos a cada ano, e até 2010 cerca de 65 milhões de unidades haviam sido vendidas. Possivelmente encontra-se no ano de 2010 na 50ª edição. A novela foi incluída na lista da "Time" de 2005 um dos 100 melhores romances escritos em Inglês desde 1923, e foi nomeado pela "Modern Library" e seus leitores como um dos 100 melhores romances em Inglês do século 20.

O romance provocou muitas reações negativas por parte da crítica especializada dos Estados Unidos por trazer uma crítica acerca dos valo-

res americanos pós-guerra e o uso de uma linguagem coloquial. As referências sexuais e o uso de certas palavras e expressões foram considerados recursos linguísticos ofensivos, sendo motivo de irritação da parte conservadora da sociedade americana.

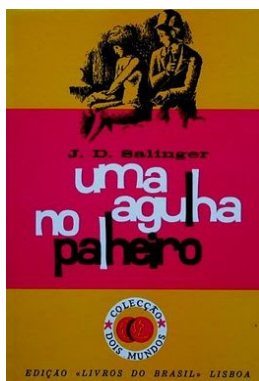
Inevitavelmente, expedições foram promovidas a fim de remover a obra das bibliotecas escolares, fazendo com que o livro fosse banido em muitas escolas privadas e públicas americanas, no intento de proteger os jovens de entrarem em contato com a visão crítica da vida nos Estados Unidos e da linguagem considerada ‘chula’ usada no livro. Porém, mesmo com todas as controvérsias e críticas, milhões de cópias do livro foram vendidas nos EUA, no Reino Unido, e em muitos outros países.

3. *As traduções*

Entre as traduções para a língua portuguesa, aqui serão tratadas a edição brasileira *O Apanhador no Campo de Centeio* e a portuguesa *Agulha no Palheiro*.

Foram escolhidas estas traduções para que se possa comparar as escolhas tradutórias presentes em cada uma delas a partir das diferenças socioculturais de cada país em que foram publicadas e como elas se fazem presentes no ato tradutório. A partir da análise destas edições é possível relacioná-las aos conceitos teórico de “equivalência”, “correspondência”, “estrangeirização” e domesticação”.

Na tradução portuguesa da obra, há uma nota do tradutor, João Palma Ferreira, na qual justifica a escolha do título “Uma Agulha no palheiro”:



Capa da edição portuguesa “Uma agulha no palheiro”

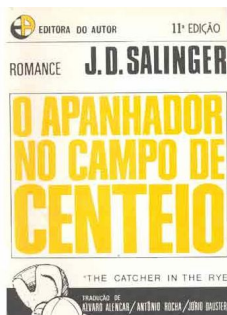
Advertência:

O título português do romance de J. D. Salinger ‘Uma Agulha no Palheiro’ foi especialmente escolhido tendo em atenção a singularidade expressiva desta frase comum portuguesa e não corresponde à e nem pretende ser a tradução do título original norte-americano: ‘The catcher in the rye’, para o qual foi sempre difícil encontrar uma forma suficientemente alusiva e gramaticalmente correcta em todas as que ocorreram ao tradutor.

Supõe-se, pois, que, sem fugir ao que o escritor pretendeu, o título da edição portuguesa marcará incisivamente o espírito deste livro admirável.

J. P. F.

Não há nota dos tradutores da edição brasileira “O Apanhador no campo de centeio” acerca de suas escolhas tradutórias.



Capa da décima primeira edição brasileira “O apanhador no campo de centeio”

4. A escolha das ocorrências linguísticas

Sabemos que a linguagem coloquial, no caso da obra, relacionada à idade dos personagens e principalmente do narrador, possui um conjunto de variantes linguísticas que lhe são peculiares.

A escolha das ocorrências selecionadas para este trabalho se deu pela tentativa de capturar diferentes exemplos, que ocorrem durante toda a narrativa, de marcas de oralidade, palavras de baixo calão e expressões coloquiais que caracterizam tal linguagem e mostrar como estas marcas são tratadas nas traduções da obra escolhidas para análise de acordo com seus contextos socioculturais.

Foram selecionados trechos referentes aos três primeiros capítulos do livro que contém tais marcas e suas respectivas traduções nas edições portuguesa e brasileira. A partir destes trechos serão analisadas as esco-

lhas tradutórias em cada edição à luz dos conceitos teóricos de “equivalência” e “correspondência” aqui tratados.

Aqui serão tratados como “língua fonte” o inglês americano, língua em que foi produzido originalmente o livro, e “língua alvo” o português europeu e o brasileiro, de acordo com as traduções aqui tratadas.

5. *Equivalência e correspondência, domesticação e estrangeirização*

5.1. **Catford e Nida: busca pela equivalência**

A abordagem linguística da tradução, caracterizada pela tentativa de tratar a tradução como ciência nas décadas de 60 e 70, foi desenvolvida principalmente por John Catford e Eugene Nida, tendo como essência a noção de equivalência. Ambos buscavam uma sistematização da tradução e viam-na como uma maneira de estabelecer uma comparação entre línguas. Sua tentativa era de definir o que seria a equivalência e de prescrever regras para se alcançá-la, buscando um significado estável partindo de línguas diferentes.

Rodrigues *apud* Oliveira (2007) destaca que, para Catford “as línguas partilham o mesmo status” e as questões culturais não influenciariam a tradução (...) como se não fossem relevantes para o processo” (p. 99)

Para Nida (*apud* RODRIGUES, 2000), “o tradutor deve se esforçar para obter a equivalência, mais que a identidade” e que “esse é apenas outro modo de enfatizar a reprodução da mensagem, em vez da conservação da forma do enunciado”. Nida define em seu livro equivalência como “uma similaridade muito próxima em significado, oposta à similaridade em forma” (p. 65).

Nida propõe uma “equivalência dinâmica”. Seu objetivo seria buscar relacionar o receptor com os modos de comportamento relevantes no contexto de sua própria cultura, em vez de “insistir” que ele compreenda os padrões culturais do contexto da língua fonte para que ele entenda a mensagem.

5.2. **A correspondência**

A “correspondência”, conceito teórico proposto por Sobral (2008) seria definida como “recursos de criação de sentido de uma língua que

podem ser recriados por meio de recursos de outra língua, para produzir efeitos de sentido semelhantes” (p. 76)

A ideia de correspondência implica assim que a tradução/interpretação exprime numa língua – nos termos específicos dessa língua – sentidos que foram expressos em outra língua – nos termos específicos dessa outra língua, o que implica alterações, ajustes, adaptações etc. Trata-se de um processo complexo em que é mais importante exprimir a atitude do usuário (o espírito), aquilo que um usuário quer dizer ao outro (...) (SOBRAL, 2008, p. 82)

5.3. Estrangeirização e domesticação

Para Venuti (*apud* MARTINS):

Um texto (traduzido) fluente é aquele que apresenta características como sintaxe linear, sentido unívoco (ou ambiguidade controlada) e linguagem atual, que emprega – no caso das culturas britânica e norte-americana – o inglês padrão e evita polissemia, arcaísmos, gírias, jargões, mudanças abruptas de tom ou dicção e outras soluções que chamem a atenção para a materialidade da língua, para a opacidade das palavras. (MARTINS, 2010, p. 8)

Para Martins, Venuti

acrescenta um componente ideológico aos dois métodos de Schleiermacher e os denomina *estrangeirização* (o método de distanciamento, que leva o leitor da tradução até o autor do original), e *domesticação* (o que aproxima o autor do original do leitor da tradução por meio da estratégia de fluência, descrita no início desta seção)

(...)

Para ele, a domesticação envolve uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores da cultura receptora (2008, p. 15), produzindo traduções estilisticamente transparentes, fluentes e —invisíveis, com o objetivo de minimizar o caráter estrangeiro do texto traduzido (MUNDAY, 2001, p. 146).

A estrangeirização, por sua vez, impõe uma pressão etnodesviante sobre tais valores da cultura receptora para registrar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro (VENUTI, 2008, p. 15). (MARTINS, 2010, p. 9)

6. Ocorrências selecionadas

Nos trechos abaixo utilizamos as abreviações “Or.”, para indicar trecho do original, “Ag”, para indicar trecho da tradução portuguesa e “Ap” para trecho da tradução brasileira. Foram destacadas as expressões das quais tratamos em *itálico*.

Página	Original	Ag.	Ap.
PG1	<p>1-Or: "(...) the first thing you'll probably want to know is where I was born, and what my <i>lousy</i> childhood was like, and how my parents were occupied and all before they had me, and all that David Copperfield <i>kind of crap</i>(...)"</p> <p>2-"(...) that <i>stuff</i> bores me, and in the second place, my parents would have about <i>two hemorrhages apiece</i> if I told anything pretty personal about them."</p> <p>3-"They're quite touchy about everything like that, especially my father. They're nice <i>and all</i> – I'm not saying that – but they're also touchy <i>as hell</i>. Besides, I'm not going to tell you my whole <i>goddam</i> autobiography or anything."</p>	<p>1-"(...)a primeira coisa que desejarão saber é o local onde nasci, o modo como passei a minha <i>estúpida</i> infância, a ocupação de meus pais, o que faziam antes de eu nascer, e tudo o mais, como se se tratasse de David Copperfield.(...)"</p> <p>2- "(...)essas coisas aborrecem-me, e, em segundo lugar, os meus pais teriam <i>duas hemorragias cerebrais</i> se eu revelasse qualquer facto pessoal que lhes dissesse respeito."</p> <p>3-"são <i> muito</i> sensíveis quanto a essas coisas; especialmente o meu pai. não digo que não sejam boas pessoas, mas são sensíveis <i> como os diabos</i>. além disso, não vou fazer a minha autobiografia ou coisa semelhante."</p>	<p>1-"(...) a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a <i>porcaria</i> da minha infância, o que meus pais faziam antes que eu nascesse, e toda <i>essa lengalenga</i> tipo David Copperfield(...)"</p> <p>2- "(...)esse <i> negócio</i> me chateia e, além disso, meus pais teriam <i> um troço</i> se eu contasse qualquer coisa íntima sobre eles."</p> <p>3- "São <i> um bocado</i> sensíveis a esse tipo de coisa, principalmente meu pai. Não é que eles sejam ruins - não é isso que estou dizendo - mas são sensíveis <i> pra burro</i>. E, afinal de contas, não vou contar toda a <i> droga</i> da minha autobiografia nem nada."</p>
PG 5	<p>4-"I practilly got t.b. and came out here for all these <i>goddam</i> checkups <i>and stuff</i>."</p> <p>5-"It was icy <i> as hell</i> and I <i> damn</i> near fell down."</p>	<p>4- "Foi por isso que ia ficando tuberculoso e vim para aqui."</p> <p>5-"O chão estava <i> coberto de gelo</i> e eu quase caí."</p>	<p>4-"Foi por isso que quase fiquei tuberculoso e tive que vir para cá, fazer <i> essa droga</i> desses exames <i> e tudo</i>."</p> <p>5-"O chão estava <i> coberto de gelo</i> e quase <i> me esborachei tudo</i>."</p>
PG 17-18	<p>6-"I saw it in the window of this sports store when we got out of the subway, just after I noticed I'd lost all the <i>goddam</i> foils. It only cost me <i> a buck</i>."</p>	<p>6-"Vi-o na montra de uma loja de artigos desportivos, mal tínhamos saído do comboio, pouco depois de ter descoberto que havia perdido o equipamento."</p>	<p>6-"Eu o tinha visto na vitrina de uma loja de artigos esportivos quando saímos do metrô, logo depois que descobri que havia perdido a <i> porcaria</i> dos floretes e tudo. Só custou um dólar."</p>
PG 23	<p>7-"No reason. <i> Boy</i>, I can't stand that <i>sonuvabitch</i>. He's one <i> so-</i></p>	<p>7-"Por nada. <i> Raios!</i> Não suporto esse <i> malandro!</i> Não consigo suportar es-</p>	<p>7-"Por nada. <i> Rapaz</i>, eu não suporto aquele <i> filho da puta</i>. Se há um <i> filho</i></p>

	<p><i>nuvabitch</i> I really can't stand."</p> <p>8-"Something like that – a guy getting hit on the head with a rock or something – tickled the pants off Ackley."</p> <p>9-"He didn't care if you'd packed something or not and had it way in the top of the closet."</p>	<p>se <i>malandro!</i>"</p> <p>8-"Uma coisa destas - um indivíduo ferido na cabeça – <i>despertava-lhe o riso.</i>"</p> <p>9-"Não se importava que eu já tivesse feito as malas ou que as tivesse em cima do armário."</p>	<p><i>da puta</i> que eu não suporto, é ele."</p> <p>8-"Bastava acontecer uma coisa dessas - um sujeito levar uma pedrada na cabeça ou coisa que o valha - que o Ackley se mijava de tanto rir."</p> <p>9-"Para ele não fazia diferença se a gente tivesse posto um troço na mala e tivesse que ir apanhar em cima do armário."</p>
PG25	<p>10-"But he'd give you the <i>goddam</i> tie."</p> <p>11-"<i>God damn</i> it. I'm old enough to be your lousy father."</p>	<p>10-"Mas dava-te a gravata."</p> <p>11-"<i>Raios te partam.</i> Já tenho idade para ser teu pai."</p>	<p>10-"Mas dava a <i>droga</i> da gravata"</p> <p>11- "<i>Que merda!</i> Com a idade que eu tenho podia ser a <i>porcaria</i> do teu pai."</p>

Nota-se a partir dos exemplos acima que grande parte das expressões destacadas são suprimidas ou atenuadas na tradução portuguesa, ao passo que na tradução brasileira usa-se expressões correspondentes na variante coloquial da língua alvo.

7. Considerações finais

No universo dos trechos selecionados para este trabalho, é possível se fazer algumas considerações:

Pode-se dizer que a tradução portuguesa se aproxime mais do conceito de equivalência na medida em que, na maioria das ocorrências selecionadas, busca expressões na língua alvo equivalentes em significado às da língua fonte, desconsiderando aspectos culturais importantes para a identidade do livro, por exemplo, as variantes coloquiais e as marcas de oralidade.

Também é possível afirmar que existe uma tendência desta edição à domesticação, já que observamos uma constante tradução de expressões coloquiais da língua fonte para a norma culta da língua alvo e certa atenuação no uso de palavras de baixo calão, o que faz com que se perca muito do caráter informal e juvenil da obra, uma vez que é narrado por um adolescente, em vista de um contexto sócio cultural mais conserva-

dor, considerando que já está fora alvo de críticas e censura no país da publicação original.

Na edição brasileira, observa-se uma maior aproximação ao conceito de correspondência, considerando que há uma tentativa de encontrar uma correspondência entre a linguagem coloquial utilizada na língua fonte e a da língua alvo, levando-se em conta que expressões como estas dificilmente teriam uma equivalência exata, mas tendo em vista os fatores socioculturais que envolvem cada língua.

É possível constatar uma tendência à estrangeirização através da tentativa dos tradutores de, na maioria das ocorrências selecionadas, passar ao leitor da língua alvo a linguagem adolescente e informal do original, preservando seu caráter irreverente, sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IMAGENS disponíveis em: <<http://www.google.com>>. Acesso em: 10-07-2012.

OLIVEIRA, A. R. *Equivalência: sinônimo de divergências*. Cadernos de Tradução, n. 19. Florianópolis: UFSC, 2007.

RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença: uma proposta de desconstrução da noção de equivalência*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1998.

_____. *Tradução e diferença*. São Paulo. UNESP, 2000.

SALINGER, J. D. *The catcher in the rye*. New York: Little, Brown and Company, 1951.

_____. *Uma agulha no palheiro*. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.

_____. *O apanhador no campo de centeio*. Edição do Autor, 2010.

SOBRAL, A. *Dizer o mesmo a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Books, 2008.